

A CULPA, OS CONFLITANTES E FREUD

Viviane Laura Amann

Matias Trevisol

Resumo

Introdução: O presente estudo tem como finalidade estudar e compreender acerca dos sentimentos de culpa, também sobre o *id*, ego e superego, e o significado da culpa com base na visão psicanalítica. O caso que faz relação com o estudo foi atendido pela estagiária do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) no campus de Pinhalzinho, ao realizar o componente de Estágio Curricular Supervisionado I. A culpa é um sentimento complexo e intenso, frequentemente abordado na psicanálise como um fenômeno psicológico central na formação e desenvolvimento do sujeito. Tem origem nas interações entre o inconsciente, o superego e as experiências de vida, a culpa pode ser entendida como uma resposta emocional à transgressão de normas e valores internalizados.

Desenvolvimento: A culpa é um tema recorrente nas obras de Sigmund Freud, o fundador e pai da psicanálise. Ele propôs que a culpa surge do conflito entre o *id*, o ego e o superego. O *id* representa os impulsos instintivos e desejos primitivos; o ego, a parte racional e mediadora; e o superego, a internalização das normas sociais e morais. Falando sobre o superego, este

desempenha um papel crucial na experiência da culpa. Ele é descrito como uma estrutura que se desenvolve a partir da resolução do complexo de Édipo, onde a criança internaliza as proibições e demandas dos pais. Esta internalização cria um sentido de moralidade e autocontrole. Quando o ego falha em mediar entre os impulsos do id e as exigências do superego, surge a culpa como uma forma de punição interna. Nesse sentido, Freud explica:

O sadismo do Super-eu e o masoquismo do Eu complementam um ao outro e se juntam para produzir as mesmas consequências. Apenas assim, creio, pode-se compreender que da repressão instintual resulte — com frequência ou em todos os casos — um sentimento de culpa, e que a consciência venha a ser mais severa e mais sensível quando o indivíduo mais se abstém da agressão a outros. (Freud, 1923, p. 178).

É possível perceber na atuação em clínica que a culpa aparece em diversas ocasiões, como entre sentimentos conjugais e entre relação aos pais, é notável que os pacientes trazem sentimentos de culpa de forma complexa e que precisam ser muito bem elaboradas, como por exemplo a culpa pelo sentir desejo de uma pessoa que representou o amor no passado, em conflito com a pessoa de desejo atual e a culpa também pelas pressões que vinham da figura paterna no passado.

O fato de o Eu, na defesa contra determinadas excitações desprazerosas vindas do seu interior, utilizar os mesmos métodos de que se vale contra o desprazer vindo de fora, torna-se o ponto de partida de significativos distúrbios patológicos. (Freud, 1930)

Conforme a citação de Freud (1930) acima, na clínica podemos ver alguns dos mecanismos de defesa que aparecem na tentativa do sujeito de lidar com a própria culpa, esses mecanismos podem ser a repressão e a projeção, assim, é notável que o paciente tende a excluir os sentimentos e pensamentos culpáveis da consciência e projetar os próprios sentimentos de culpa em outra pessoa. É necessário também verificar, pois a culpa também pode estar relacionada ao processo da depressão, que segundo Freud, a

melancolia pode estar interligada ao processo de identificação com objeto perdido, ademais, pode-se tornar uma culpa neurótica que é persistente e provinda de pensamentos repetitivos e desejos inconscientes.

Dessa forma, a psicanálise procura auxiliar os pacientes a compreender e resolver a culpa inconsciente. Através da análise dos sonhos, da associação livre e da exploração das transferências, os terapeutas trabalham para trazer à consciência os conflitos latentes e promover a adaptação dos impulsos reprimidos. A terapia busca equilibrar a culpa saudável, que incentiva o comportamento ético, e a culpa neurótica, que paralisa o indivíduo.

Considerações Finais: A culpa, segundo a psicanálise, é uma emoção complexa que resulta da dinâmica entre as várias estruturas psíquicas e a internalização de normas sociais. Compreender a culpa é essencial para a prática clínica, pois ela desempenha um papel central em muitos distúrbios psicológicos. Através da exploração e resolução dos conflitos inconscientes relacionados à culpa, é possível promover o bem-estar psicológico e a autocompreensão. A culpa não deve ser vista apenas como um peso a ser eliminado, mas como uma oportunidade de crescimento e evolução.

Ao aprofundarmos na teoria psicanalítica, observamos que a culpa não é apenas uma emoção negativa, mas também um elemento crucial no desenvolvimento moral e ético do indivíduo. Em resumo, na prática clínica, é fundamental que os terapeutas ajudem os pacientes a diferenciar suas culpas, promovendo uma autoavaliação mais equilibrada e adaptativa. A psicanálise, com sua profunda compreensão das dinâmicas inconscientes, oferece valiosas ferramentas para essa jornada de autodescoberta e crescimento.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. O ego e o id. In: Obras Completas. v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, S. A repressão. 1915. Disponível em: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/09/a-repressc3a3o.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Obras Completas. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1930.

GONÇALVES, Davidson Sepini. O sentimento de culpa em Freud: entre a angústia e o desejo. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 278-291, jan. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-1168201900100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jun. 2024. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p278-291>.

vivianeamann@gmail.com

matias.trevisol@unoesc.edu.br